

MONTEIRO LOBATO, O EDITOR E O ESCRITOR PROLÍFICO
MONTEIRO LOBATO, EL EDITOR Y EL ESCRITOR PROLIFICO
MONTEIRO LOBATO, THE PUBLISHER AND THE PROLIFIC WRITER

Pedro Albeirice da Rocha
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Monteiro Lobato é, geralmente, mais conhecido por sua obra para crianças, provavelmente pela grande difusão que recebeu, especialmente, da veiculação, pela Rede Globo de Televisão, de sua saga do *Pica-pau Amarelo*. Sua obra, porém, é muito extensa e suas atividades foram múltiplas. Este artigo procura apresentar um recorte de sua ação como editor e escritor, a partir de pesquisas bibliográficas a respeito de seu trabalho. É possível perceber, nesses dois aspectos, o quanto ele contribuiu para a cultura brasileira.

Palavras-chave: editor; escritor; Lobato.

ABSTRACT

Monteiro Lobato is generally best known for his work for children, probably due to the great diffusion he received, especially, from the Globo Television Network's broadcast of his Yellow Woodpecker saga. His work, however, is very extensive and his activities were multiple. This article seeks to present a snapshot of his action as an editor and writer, based on bibliographic research on his work. It is possible to see, in these two aspects, how much he contributed to Brazilian culture.

Key-words: publisher; writer; Lobato.

Introdução

O escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), natural de Taubaté – SP, é um dos nomes mais conhecidos da literatura brasileira, sendo, geralmente, classificado como pré-modernista. Sua ficção, e isto é praticamente consensual, constitui uma aquarela repleta do uso de tintas naturalistas, com influências maiores que o próprio autor reconhece do estilo de Guy de Maupassant e de Rudyard Kipling.

Lobato enveredou pelo ensaio e pela ficção, chegando a tentar, inclusive, a Poesia, gênero que não empolgou os críticos a seu respeito. Em sua obra literária, o que tornou-se mais marcante, porém, foi sua obra destinada ao público infantil, setor em que constituiu verdadeira vanguarda, uma vez que o que se apresentava ao público, até seu surgimento, eram traduções castiças ou não muito preocupadas com o universo da criança.

Além de sua obra literária (a de escritor), ele ainda se dedicou a outras atividades dentro do paradigma cultural, podendo-se citar a condição de empresário do ramo editorial e a de tradutor.

Este artigo busca dedicar-se, sem o objetivo de aprofundamento, ao trabalho desse intelectual nessas três atividades recém-citadas.

O Editor

Escrever obras suas, inéditas, não era o único sonho de Lobato. Desde o começo de sua carreira literária, o futuro editor, já latente, começava a se formar. De há muito ele se indignava com a falta de livros escritos em um português acessível à infância.

Agora, com os filhos em idade de aprendizado, o pai se aliava ao intelectual nessa indignação. Foi assim que ele apresentou seus planos, ainda informes, ao amigo Rangel, conforme registro em *A Barca de Gleyre*, obra em dois volumes que encerra as cartas escritas ao escritor mineiro ao longo de quatro décadas (doravante citada, apenas, com as iniciais *BL*).

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. (...) um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. (BL, p. 104)

Lobato adquiriu a *Revista do Brasil*, em maio de 1918. Dois meses depois, sairia, sob a chancela da Revista, o livro *Urupês*, cujos contos já tinham merecido divulgação na própria *Revista do Brasil* e em outras publicações. O êxito do livro, logo transformado pelo público num "best-seller", animou Lobato a fundar sua própria Casa Editora. A marca "Monteiro Lobato" estava bastante difundida, por causa do êxito do *Urupês*, aumentado muito por uma citação do autor feita por Rui Barbosa, num discurso.

Em 1920, já com o selo da Editora Monteiro Lobato & Cia., Lobato havia editado novos como Hilário Tácito, Léo Vaz, Paulo Setúbal, Oliveira Viana e outros, o que comprova a história de sucesso da empresa. Em 1921, Lobato incursionaria pela primeira vez na literatura infantil com *Ameninadonarizinho arrebitado*, cuja venda foi impulsionada por uma aquisição do Governo Estadual para as escolas. A ideia da saga do Pica-pau Amarelo, lembra João Carlos Marinho, começou a surgir em 1921, justamente com essa publicação. Entretanto, Lobato ficaria os treze anos seguintes mais preocupado, respectivamente, com as seguintes funções: editor, até 1927; adido comercial em Nova Iorque, até 1930; impulsionador de negócios relacionados ao ferro e ao petróleo, na nova década. Com tantas atividades, somente em 1934 Lobato iria decidir-se, finalmente, a construir a saga do Pica-pau Amarelo "como um todo coerente e como centro de sua atividade literária" (Marinho, 1982, p. 182)

O período 1921-1925 havia sido de intensa atividade editorial. Durante todo esse tempo, Lobato pediu que Rangel realizasse traduções facilitadoras para as crianças. Querendo, ele mesmo, fazer esse trabalho, era impedido pelo excesso de atividades. Em maio de 1921, ele já sugeria ao amigo mineiro uma adaptação para a infância da obra-prima *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. E sugeria, sem nenhum constrangimento, o aproveitamento de uma edição anterior para facilitar o trabalho adaptativo: "Quanto ao Dom Quixote, vou ver se acho a tradução do Jansen". Na mesma carta, ele sugeriu ao amigo traduzir "em linguagem bem simples, na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma, – só em matéria de fundo" (BL, v. 2, p. 232).

Essa reescritura de Cervantes acabaria sendo realizada na década de 1930, pelo próprio Lobato, que lhe daria o nome *Dom Quixote das crianças*. (1934)

Lobato insistiria, ainda uma vez, em carta de 17 de junho de 1921, para que o amigo realizasse adaptações dos grandes clássicos infanto-juvenis. Novamente o editor sugeriu a utilização de textos intermediários em vernáculo, para uma tradução do tipo que Jakobson chama de intralingual. (1995, p. 64): Creio até que se pode agarrar o Jansen como 'burro' e escrever aquilo em língua desliteraturizada. (...) É só ir eliminando todas as complicações estilísticas do 'burro' (BL, v. 2, p. 233)

Apesar do apelo, Rangel não levaria a efeito essas reescrituras, provalmente devido a sua intensa atividade como juiz de direito. Tanto que, em carta de julho de 1924, o editor ainda lamentava o quanto era difícil encontrar traduções como as entendia e reclamava da recusa insistente do amigo:

(...) *D. Quixote* você pegou, mas parou no começo. E há as *Viagens de Gulliver*, e as *Mil e Uma Noites*, e *Peter Pan* – todas essas coisas que vêm resistindo galhardamente ao roçar dos anos. O realmente bom é de todas as pátrias e de todos os séculos." (BL,p. 266-267)

Em março de 1925, Lobato ainda estava querendo essas traduções. É o que deixa transparecer ao insistir, mais uma vez, num *Dom Quixote*, especialmente dirigido às crianças, "mais correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses" (p. 276) Esse pedido a Rangel ocorreu após uma releitura de algumas obras lançadas pela Editora Garnier para crianças. Em carta de 11 de janeiro do mesmo ano, Lobato já manifestara seu espanto ao amigo, ante aquelas edições: "Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso, abasileirar a linguagem" (p. 275)

Em 1927, Lobato foi para os Estados Unidos, onde fracassaria a tentativa de fundar uma editora, a Tupy Publishing&Co. Também não daria certo o sonho de editar em inglês seu romance *Ochoquedasraças* ou *O presidente negro*. Cumpre lembrar que, antes da viagem, Lobato havia realizado e editado duas importantes adaptações de obras escritas por estrangeiros a respeito do Descobrimento do Brasil. Tratava-se dos livros de viagens de Hans Staden e Jean de Léry. Lobato fez também imprimir, pouco antes da partida, os livros *Minhavidaminhaobra* e *Hojeamanhã*, de Henry Ford, além de editar, em inglês, *How Henry Ford is regarded in Brazil*.

Após o fracasso financeiro decorrente da queda da Bolsa de Nova Iorque, onde Lobato havia investido praticamente todas as suas reservas, o escritor se viu, então, obrigado a vender sua parte na empresa editora. Vendo a necessidade financeira apertar, ele reiniciou, ainda nos Estados Unidos, o seu trabalho intelectual, concentrando o romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. E realizou o trabalho de modo espantosamente rápido, conforme confessa ao amigo Rangel em correspondência de junho de 1930:

Sabe que concentrei um Robinson? Octales encomendou-me e fi-lo em cinco dias – um recorde: 183 páginas em cinco dias, inclusive um domingo cheio de visitas e partidas de xadrez com o Benzinho (BL, p. 322-323)

Essa tradução acabou apresentando o enredo espacialmente localizado só na ilha à qual Robinson chegou após o naufrágio. O pesquisador de literatura infantil Leonardo Arroyo, que confirma terem sido editadas anteriormente edições integrais do romance pelas Editoras Laemmert e Garnier, lamenta a publicação condensada, pois o tradutor omitiu justamente a permanência do ilustre náufrago em terras nacionais: "por isso poucos brasileiros saborearam sua irmandade com um dos mais fascinantes personagens da literatura universal" (apud NC, 1985, s. i. p.)

Nos anos 1930, o escritor iria realizar outra reescritura. Trata-se de *Viagem de Gulliver ao país dos homenzinhos de um palmo*. A exemplo do que já havia sido feito décadas antes por Carlos Jansen, o tradutor omitiu as duas últimas partes do livro, transformando-o, como lembra Gentil de Faria (1995, p.12), a obra satírica sobre a Inglaterra do século 18 em uma divertida história de um náufrago.

O Escritor Prolífico

Curiosamente, Lobato aproveitou a década de 1930 para, além das traduções e adaptações, produzir intensamente sua própria literatura infantil. Ancorado no êxito da *Menina do narizinho arrebitado*, de 1921, ele iria criar toda a saga do Sítio do Pica-pau Amarelo, a partir de 1934. Nessa coleção, além das suas próprias personagens, ele foi capaz de introduzir o folclore nacional simultaneamente a uma multidão de heróis de todos os tempos e de diversas literaturas. Referência desse fato é a mudança para o Sítio, mostrada no livro *O picapau amarelo*, capítulo IV. Vieram para a propriedade de dona Benta (e, assim, para uma massa maior de leitores que ainda não tinham acesso às histórias em língua estrangeira ou nem mesmo às traduções "galegas"): o Pequeno Polegar; Branca de Neve e os anões; Aladim; Sherazaade; os gênios; Chapeuzinho Vermelho; Cinderela; Peter Pan, com os habitantes da Terra do Nunca; Alice; todos os personagens dos contos dos Grimm; e até mesmo Dom Quixote, acompanhado de seu fiel escudeiro Sancho Pança. Lobato foi, portanto, o responsável pela democratização do conhecimento de boa parte da literatura infantil produzida no mundo. Não que tenha sido o primeiro a publicar ao menos uma parte das novidades. Mas, sem dúvida, foi quem conseguiu colocar esses novos personagens na mente das crianças brasileiras, através de uma linguagem acessível, edições atraentes e um "marketing" considerado agressivo para a época.

Monteiro Lobato escreveu também diversos livros pedagógicos. Neste caso, o escritor aliou seu desejo de transmitir conteúdos programáticos de maneira agradável ao seu objetivo

empresarial de lucro. Surgiram, com grande êxito, obras como *Aritmética da Emília*, *Emília no País da Gramática*, *Viagem ao Céu*, *História das Invenções*, *Serões de Dona Benta* e *História do mundo para crianças*, esta última responsável por uma querela com os católicos que chegou a render até mesmo queima de livros. Além dessas, publicou *O poço do visconde*, a fim de convencer as crianças sobre sua certeza no futuro êxito do Brasil no campo da exploração do petróleo.

O estudioso João Carlos Marinho acredita que devem ser considerados livros infantis originais de Monteiro Lobato os vinte e três volumes que constituem a "saga do Picapau Amarelo" (1982, p. 190) Ele os divide da seguinte forma:

a) Livros onde há uma história livre ou uma história livre acasalada com propósitos didáticos: *Reinações de Narizinho*, *O saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *Viagem ao céu*, *O minotauro*, *Os doze trabalhos de Hércules*, *A reforma da natureza*, *A chave do tamanho*, *Memórias da Emília* e *Sítio do picapau amarelo*. São, ao todo, dez títulos.

b) Livros onde predomina a intenção didática: *O poço do Visconde*, *Aritmética da Emília*, *Emília no país da gramática*, *Geografia de dona Benta*, *História das invenções*, *História do mundo para crianças* e *Serões de dona Benta*. Totalizam sete títulos.

c) Histórias contadas por dona Benta, "de fora do Sítio". São, na realidade, adaptações de fábulas e histórias clássicas, e das aventuras de Hans Staden entre os selvagens do Brasil, além de dois clássicos: um infanto-juvenil (*Peter Pan*, de James Barrie); e um, originalmente, "para adultos" (o *Dom Quixote*, de Cervantes). Os títulos lobatianos são: *Histórias diversas*, *Fábulas*, *Dom Quixote das crianças*, *Hans Staden*, *Peter Pan* e *Histórias de tia Anastácia*, perfazendo um total de seis títulos.

A década de 1930 foi muito produtiva, literariamente, pelo fato de compreender o primeiro período em que Lobato ficou totalmente a depender de seu trabalho intelectual. Antes, ele sempre tinha outras receitas. Observe-se: na primeira década do século 20, ele recebera o amparo da família, até assumir a promotoria de Areias; o primeiro lustro da década de 1910 encontrou Lobato herdeiro da fazenda do Buquira; ao final do decênio, o imóvel estava vendido e Lobato, vivendo de juros, iniciara suas atividades editoriais. Nos primeiros cinco anos da década de 1920, sua editora chegou ao auge e faliu, mas ele fundou, em seguida, a Nacional, com Octales. Tendo ido, em 1927, para os Estados Unidos, recebeu salário de adido comercial até seu retorno ao Brasil, em 1930.

Obviamente não foi só a necessidade financeira que obrigou Lobato a produzir tanto. O escritor contou com seu amadurecimento intelectual, pois havia sido sempre um leitor

disciplinado e agora fazia jorrar de seu cérebro todo o conhecimento adquirido durante a juventude. Finalmente, descobria-se autor de livros para crianças e estava feliz por isso.

A necessidade de traduzir e produzir obras para sobreviver era óbvia. Mesmo recebendo algum dinheiro de direitos autorais, ele não era suficiente para o sustento da família e dos seus sonhos empresariais, vinculados ao ferro e ao petróleo. Publicou vários livros. Havia cerca de quinze anos, tinha editado o "best-seller" *Urupês*, que fora secundado pelos volumes de contos *Negrinha* e *Cidades Mortas*. Havia também legado ao público, já há alguns anos, suas impressões em livros que, como lembra Conte (1980, p. 232) são "de ideias, e não de contos". Alguns exemplos destes livros são *Mr. Slangeo Brasil*, *Problema vital*, *Prefácio e entrevistas*, *Mundo da lua*, *Ideias de Jeca Tatu* e *A onda verde*. A esse tipo de literatura iriam unir-se, no decorrer da década, as obras: *América* (sobre os Estados Unidos); e, ainda, *Ferro* e *O Escândalo do Petróleo* (panfletários da sua luta pelo desenvolvimento do Brasil).

As adaptações das obras de Hans Staden e Jean de Léry, além de novas reedições da *Menina do Narizinho Arrebitado*, também lhe garantiam algum dinheiro, mas pouco. Por isso, dedicava grande parte do seu dia à atividade de escritor, tradutor e revisor.

Considerações Finais

A obra de Monteiro Lobato é muito extensa e suas atividades foram múltiplas. Este artigo buscou apresentar um recorte de sua ação como editor e escritor. Neste último caso, foi possível perceber um trabalho abundante e multifacetado.

Lobato é, geralmente, conhecido por sua obra para crianças, provavelmente pela grande difusão que recebeu, especialmente, da veiculação, pela Rede Globo de Televisão, de sua saga do *Pica-pau Amarelo*.

Também foi possível perceber *en passant* o seu trabalho como tradutor, que deverá ser assunto de outro artigo. Como reescritor, é grande sua contribuição ao País, uma vez que traduziu intensamente, chegando à marca de quase cem obras. Fica a sugestão para que se aprofunde a pesquisa sobre Lobato na condição de tradutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1980, 289p.

FARIA, Gentil Luiz. A crítica apreciativa de Rui Barbosa sobre Swift. In: *Anais doXXII Senapulli*. Poços de Caldas: Fac. Fil. Ciências e Letras, 1990, p. 159-64.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Linguísticos da Tradução. In _____. *Linguística e Comunicação*. Trad. IzidoroBlikstein e J.P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 63-72.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *A Barca de Gleyre*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

MARINHO, Joao Carlos. Conversando de Lobato. In *Vozes do tempo de Lobato*. SãoPaulo: Traço, 1982, p. 181-94.

N. C. Robinson Crusoe, um plantador baiano. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 mar.,1985.